

A cidade e as mariposas: A formação do imaginário social em torno da prostituição feminina em Pouso Alegre-MG (1969-1989)

Introdução

O presente artigo intitulado *A cidade e as mariposas: A formação do imaginário social em torno da prostituição feminina em Pouso Alegre-MG (1969-1989)*¹ aborda a campanha de moralização contra a zona do meretrício na cidade de Pouso Alegre. Busca-se aqui construir um diálogo entre as experiências e as memórias dessas mulheres, e o discurso moralizador e por vezes machista da imprensa local representado, muitas vezes, pela figura de Moacyr Honorato Reis, o Moacyr Bocudo, como era conhecido.

Objetivou-se neste exercício, perceber como essas mulheres reagiram à campanha, impondo-se a elas como sujeitos sociais ativos, bem como, perceber o conteúdo discursivo, repressor e hegemônico² desta campanha. Tal discurso constituiu uma força política com o objetivo de produzir uma suposta verdade, transformando essas mulheres em corpos estranhos e buscando, ao mesmo tempo, normatizar suas condutas em um determinado espaço da cidade.

Gênero: Apontamentos para um debate

Segundo Scott, gênero é uma categoria de análise que indica uma rejeição a determinismos biológicos no que tange às diferenças sexuais na sociedade³. Ora, esta categoria surgiu para desmistificar a noção de que as diferenças sexuais são biológicas, pautadas em um sexo

¹ O presente artigo é fruto de um trabalho de conclusão de curso em História pela Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVAS intitulado “*De mal necessário a problema da cidade: A formação do imaginário social em torno da prostituição feminina na cidade de Pouso Alegre-MG (1969-1989)*”.

² Hegemonia aqui pode ser entendida no sentido Gramsciano. Para este, a hegemonia de uma classe significa sua capacidade de subordinar intelectualmente as demais classes através da persuasão. Para conquistar a hegemonia é necessário que a classe fundamental se apresente às demais como aquela que representa e atende aos interesses e valores de toda sociedade, obtendo o consentimento voluntário e a anuência espontânea garantindo, assim, a unidade do bloco social que, embora não seja homogêneo, se mantém, predominantemente, articulado e coeso. A este respeito ver: GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do cárcere*. Vol. 3 – Materialismo histórico na obra de Benedetto Croce. São Paulo: Civilização Brasileira, 2000.

³ SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. 20 (2), jul-dez/1995, p. 71-99.

que funda todo tipo de diferença entre gênero masculino e feminino. Dito em outras palavras, gênero é uma categoria que busca perceber as relações sociais entre os sexos não como produtos da natureza biológica de cada indivíduo, mas como culturalmente construídas, desta forma, passíveis de serem historicizadas. Diz Scott:

Gênero é a organização social da diferença sexual. O que não significa que gênero reflita ou implemente diferenças físicas fixas e naturais entre homens e mulheres mas sim que gênero é o saber que estabelece significados para as diferenças corporais.⁴

Torna-se necessário ir além das problematizações de Scott e perguntar: se as diferenças sexuais entre os sexos são constructos da cultura, como se dá o processo de construção destas diferenças? Quais são os limites discursivos que tangenciam e que cruzam estas diferenças? Qual é o modo ou mecanismos desta construção?⁵

Assim, seguir as trilhas do que propõe esta categoria, significa abandonar determinismos, formas autoritárias e excludentes de perceber as relações sociais para apostar em alternativas positivas, seguindo as possibilidades de um pensamento “rizomático”, com múltiplas formas e pontos de conexão.⁶ Isto significa que a noção de identidade pode ser entendida não como um conceito fixo e inerente à biologia, pelo contrário, algo histórico, singular em cada época ou período histórico.

A inclusão de gênero na história implica repensar, a partir desta categoria, a própria narrativa histórica, pois a maneira como a história era escrita até então era sempre no masculino. Para Scott:

Nós aprendemos (...) que inscrever as mulheres na história implica necessariamente a redefinição e o alargamento das noções tradicionais daquilo que é historicamente importante, para incluir tanto a experiência pessoal e subjetiva quanto as atividades públicas e políticas. (...) uma tal metodologia implica não somente numa nova história das mulheres, mas uma nova história.⁷

É interessante frisar que esta categoria se justifica na medida em que propõe uma escrita histórica que se distancie de qualquer representação fixa do gênero, ou seja, busca dar à

⁴ SCOTT, J. Prefácio a Gender and Politics of History. In: *Cadernos Pagu*. Campinas: n. 3, 1994, p. 11-27.

⁵ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2008, p. 26.

⁶ DELEUZE, Gilles. *Mil Platôs*. São Paulo: Editora 34. 1990, p. 33.

⁷ SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Realidade*. 20 (2), jul-dez/1995, p. 71-99.

história uma escrita livre de naturalizações e classificações identitárias, que pensa as diferenças sexuais como fruto de relações de poder e de saberes misóginos, que em uma atitude fascista e autoritária relega ao feminino um lugar de exclusão e de inferioridade. Diante disso, propõe uma narrativa não somente escrita no feminino ou no masculino, mas uma história que busque perceber as diferenças não como naturais, mas como constructo histórico-social-cultural, buscando a valorização e a instauração de uma cultura filógina.⁸

É nesse trilhar que a sexualidade assume uma função historicamente construída no interior de um dispositivo histórico.⁹ Para Foucault não se deve percebê-la como um atributo da natureza, mas como um dispositivo conectado a “*técnicas móveis e conjunturais de poder*”.¹⁰ Longe de qualquer determinismo, as construções em torno da sexualidade respondem às exigências de determinados discursos, os quais devem reproduzir sua verdade. Assim afirma Foucault:

As características fundamentais desta sexualidade não traduzem uma representação mais ou menos confundida pela ideologia, ou desconhecimento induzido pelas interdições; correspondem às exigências funcionais do discurso que deve produzir sua verdade.¹¹

“*Escrever como fogo que consome*”¹², buscando, através dos estudos de gênero, questionar nossa maneira de viver no presente, duvidando de falsas verdades e colocando em prova valores excludentes e negativos, em busca de uma existência pautada na liberdade, numa sociedade que valoriza o feminino apontando cada vez mais para um mundo filógino.

A cidade e suas Mariposas

Moacyr Honorato Reis é personagem certo quando o assunto é prostituição na cidade sul-mineira de Pouso Alegre, e por este motivo buscamos também problematizar quem foi este homem e o porquê deste ter assumido a quase “missão” de lutar contra e denunciar a prostituição através da imprensa local.

⁸ RAGO, Margareth. Feminizar é preciso: por uma cultura filógina. In: *São Paulo em perspectiva*. Nº 15, 2001, p. 58-66.

⁹ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1988.

¹⁰ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1988, p. 101.

¹¹ Idem, p. 67.

¹² Referencia ao texto de ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *Escrever como fogo que consome: reflexões em torno do papel da escrita nos estudos de gênero*. Acesso disponível em <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm>, 18/05/2011.

Moacyr Honorato Reis era natural da cidade de Pouso Alegre. Filho de pai militar e *mãe alienada*¹³ nasceu em 1930 e passou a infância pelas ruas da cidade, pois nesta época o pai fora convocado para a guerra e a mãe, que apresentava sinais de insanidade mental, precisou ser internada em um hospital da região. Membro de uma família composta por seis irmãos, passou toda sua infância perambulando pelas ruas da cidade a cargo de uma tia já idosa. A tessitura inicial de seu livro, onde narra os primeiros anos de sua vida, é de extrema importância para que possamos acompanhar como se formou a personalidade deste sujeito tão valorizado no imaginário da prostituição em Pouso Alegre.

Assíduo frequentador da zona do meretrício, Moacyr constrói em sua narrativa um panorama de como era a zona boêmia da cidade de Pouso Alegre e principalmente qual sua relação com este espaço. Vale dizer que a necessidade de se afirmar através de um personagem, *o bom malandro*, o “amigo” de todos, o transgressor da ordem, aquele que não levava para casa o que poderia ser resolvido ali mesmo, faz-se insistentemente em toda sua narrativa.

A qual necessidade corresponde o desejo de se fazer valer como aquele que tudo pode e que ninguém brinca? Qual era seu objetivo em, a todo instante, vangloriar-se como o arrua-ceiro da zona e o malandro temido e respeitado por todos os frequentadores da zona do meretrício, inclusive pelas próprias prostitutas?

Moacyr inicia sua narrativa criticando a sociedade por seu caráter excludente, classista e moralista, apresentando-se como protetor da zona boêmia e defensor árduo das ‘mariposas’¹⁴ da cidade. No início de seu livro, assim escreve: “...paguei caras consequências (...) dentro da sociedade local, que sempre me discriminou, fazendo de mim um proscrito dentro da comunidade, comunidade esta em que não pedi para nascer.”¹⁵

Proveniente de uma família sem lustro, com poucos recursos financeiros e sem muitas perspectivas, Moacyr identifica-se com aqueles que, assim como ele, estão à margem de uma sociedade excludente. Suas memórias assumem um tom amargo e ressentido. Pouso Alegre, assim como muitas cidades, possui uma elite local tradicional, arraigada às tradições e aos costumes da cultura sul-mineira e a valores morais cristãos universais como a maioria das sociedades tradicionais. Logo, qualquer comportamento desviante destes valores seria motivo de exclusão.

¹³ O termo alienada foi usado por Moacyr ao escrever suas memórias. In: REIS, Moacyr Honorato. *Memórias de um bom malandro*. Pouso Alegre, 1993, p. 13.

¹⁴ Nome dado por Moacyr Honorato Reis às prostitutas da cidade de Pouso Alegre, Minas Gerais.

¹⁵ REIS, Moacyr Honorato. *Op. Cit.*, p. 9.

Contudo, a narrativa de Moacyr Bocudo muda a partir do momento em que sua posição nesta sociedade passa a mudar. Ao analisar suas memórias com maior profundidade, o que transcende aos nossos olhos é um sujeito que, a todo momento, compactua com esta sociedade e que dela se apropria para conseguir concretizar seus objetivos particulares.

Em muitos momentos, Moacyr abandona a posição de quem denuncia a exclusão e o moralismo gratuito e passa a unir forças aos algozes moralistas em busca de seus interesses particulares.

Analisar as memórias de Moacyr é algo complicado e construir qualquer tipo de afirmação sobre elas exige um trilhar extremamente cauteloso. Este escreveu suas memórias em forma de relato autobiográfico tentando dar a ela certo sentido de linearidade. Para ele, a vida de malandro teria sido uma autodefesa; um contra-ataque a tudo o que lhe foi imposto. Para nós, possivelmente uma forma de sobrevivência, muitas vezes traçada em linhas tortuosas, no limite do aceitável dentro dos padrões sociais de sua época. Relembrando sua luta contra as prostitutas, Moacyr confirma sua posição:

Nesse tempo eu comecei uma verdadeira cruzada contra as cafetinas que exploravam o lenocínio dentro da zona de Pouso Alegre.(...) Comecei a minha cruzada contra as cafetinas com vários abaixo-assinados dirigidas as autoridades constituídas dentro do município, *pedindo a retirada da zona do centro da cidade*. Comecei o abaixo-assinado tomando assinatura de *cidadãos de bem*, que radicalmente eram contra a localização da zona numa área nobre e bastante central.¹⁶

Tem-se aqui uma das primeiras ambiguidades do pensamento de nosso *bom malandro*. Se antes, excluído desta sociedade, frequentador da zona do meretrício e solidário àqueles que estavam em condição semelhante a sua, agora, assume uma postura de combatente à zona do meretrício.

Outra ambiguidade importante está na forma como Moacyr lê e compreende esta sociedade. Antes a sociedade era composta por sujeitos, classistas e moralistas, agora estes tornaram-se *bons cidadãos*. Que experiências teriam ocorrido que poderiam levá-lo a mudar sua leitura social ocasionando nesta troca de valores? Seria esta mais uma de suas estratégias de sobrevivência deste malandro inteligente e astuto?

As contradições que envolvem o pensamento de Moacyr vão ainda mais longe. Aten-temos para sua forma de perceber o papel da mulher na sociedade. Discorrendo sobre a situa-

¹⁶ Ibidem, p. 169. Grifos nossos.

ção da família na cidade de Pouso Alegre no início dos anos 1970, Moacyr assim escreve sobre o divórcio:

A instituição do divórcio, fator preponderante na dissociação da família, proporcionando filhos sem pai, ou seja, filhos sem rei e nem lei, é, portanto a grandiosa culpada do estado de coisas que agora predominam dentro de nossa sociedade.¹⁷

Conservador em sua postura paternalista, Moacyr defende a permanência da família a qualquer custo, e não percebe o divórcio como um direito conquistado dentro de uma sociedade machista, conservadora e paternalista como a brasileira. Contra o divórcio, endossa a idéia de que toda mulher deve se sujeitar ao homem independentemente da condição que este lhe proporciona no casamento. Possivelmente mesmo em casos de traição, a mulher deveria se manter unida ao homem, pois o que vale são aparências já que a infidelidade masculina é justificada por Moacyr como um instinto natural do homem, pois o que ele não encontra em casa deve, naturalmente procurar fora dela.¹⁸

Desta forma Moacyr culpabiliza a mulher pela desagregação da família. Para ele mulher era sinônimo de submissão, conjunção, elo entre o bem-estar e a manutenção da família para o bom desenvolvimento da sociedade. Sobre esta questão Moacyr discorre: “*É antes de tudo, a consequência imediata da desagregação da família, desagregação esta motivada pela grande liberdade que se deu ao sexo feminino, permitindo-lhe conquistas que sempre lhe foram vedadas.*”¹⁹

De acordo com ele a mulher era a grande culpada pela desagregação da família e pela desestruturação da sociedade já que ao conquistar alguns direitos sociais esta se manteria distante de sua família e, por consequência, afundaria na perdição em que a sociedade se encontrara.

O que se questiona é o fato de Moacyr generalizar e não apontar outras saídas para a mulher a não ser se sujeitar, em qualquer situação, às amarras de um relacionamento construído sobre relações desiguais e desmerecedoras. Este também percebe a mulher como ser incapaz de decidir e planejar sua própria trajetória.

¹⁷ Ibidem, p. 177.

¹⁸ A respeito do conservadorismo e do paternalismo na sociedade brasileira ver: CAULFIELD, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2000.

¹⁹ REIS, Moacyr Honorato. *Op. Cit.*, p. 26.

Contudo, é em relação à prostituição que Moacyr dedica a grande maioria de suas memórias. É sobre este aspecto que se julga capaz de criar verdades absolutas e de firmar preceitos misóginos onde impera a desigualdade, a violência de gênero e a submissão, num imaginário pautado pelo conservadorismo machista de quem se acha apto e autorizado a falar por conta de sua experiência adquirida na convivência com a prostituição.

Como já dissemos anteriormente Moacyr é leitura obrigatória sobre a prostituição em Pouso Alegre. Sua postura indica uma posição contrária à prostituição, porém ao mesmo tempo Moacyr acaba redimindo a prostituição ao tratá-la como um mal necessário a cidade:

Essas pessoas que eram discriminadas e vistas pela sociedade como proscritas, cooperaram com os seus comércios carnais para que as moças de família fossem respeitadas pelo instinto animal do homem, pois os que precisavam extravasar seus instintos, recorriam as mariposas de aluguel, mulheres reprimidas pelo falso moralismo engendrado por um sistema social já bastante arcaico para época.²⁰

Sobre este trecho, consideremos dois aspectos. Em primeiro lugar Moacyr se coloca em paralelo com o senso comum, e classifica a prostituição como sendo um mal necessário a sociedade, a partir do momento em que ela serve ao mesmo tempo para preservar a família tradicional.

Nesse sentido, Moacyr desqualifica as mulheres e naturaliza a prática da prostituição, destituindo-a de singularidades e especificidades. Atitude difundida no senso comum, naturalizar a prostituição percebendo-a como a profissão mais antiga do mundo, posição defendida pelo próprio Moacyr em vários trechos de seu livro, é uma atitude enganadora e arriscada, pois como Margareth Rago analisa com maestria em *Os Prazeres da Noite*, é preciso atentar para as singularidades da prática da prostituição, levando em consideração um dado momento e contexto. Diz ela:

Construído no século XIX, a partir de uma referência médico-policia, o conceito da prostituição não pode ser projetado retroativamente para nomear práticas de comercialização sexual do corpo feminino em outras formações sociais, sem realizar um aplainamento violento da singularidade dos acontecimentos.²¹

²⁰ Idem, p. 182-183.

²¹ RAGO, Margareth. *Os Prazeres da Noite*. São Paulo: Paz e Terra, 2ª Ed. 2008, p. 25. Veja-se também: ENGEL, Magali. *Meretrizes e Doutores*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

Em segundo lugar, e neste ponto Moacyr se mostra extremamente contraditório e enganador, coloca-se contra qualquer tipo de discriminação que exista sobre as prostitutas. Ora, ao classificar a prostituição como mal necessário, Moacyr não estaria se juntando ao que chama de “moralismo arcaico” assumindo o lugar de quem é contra, mas tolera, já que é preciso preservar a honra e a moral de moças ditas honestas e de famílias tradicionais?

Em outro trecho de seu livro, Moacyr classifica a mulher prostituta em dois grupos distintos. Para ele essas mulheres se dividem entre as “*prostitutas de classe*” e as “*prostitutas sem classe*”:

Mesmo na zona do meretrício havia a separação de classe que eu sempre fui favorável, pois havia a prostituta de classe que só servia aos executivos e as que residiam em casebres e inferninhos que serviam a prole mais carente da comunidade, acostumados com a promiscuidade que o ambiente lhes oferecia dentro do seu poder econômico.²²

Temos aqui duas imagens polarizadas, primeiro sobre as mulheres, para Moacyr a sociedade de Pouso Alegre se dividia *entre mulheres honestas e mulheres faladas*²³. E sobre a prostituição, dividida entre *prostitutas de classe e prostitutas sem classe*. Aqui a prática de uma prostituição aceitável passava por uma condição de classe social, percebe-se desta maneira, não somente um olhar machista, mas classista e carregado de pré-conceitos.

Na visão de Moacyr a prostituta de classe era aquela que mantinha relações diretas com clientes que compunham possivelmente a elite da cidade. Estas mulheres eram por Moacyr consideradas honestas, pois se vestindo com bastante “*apuro*”, andavam sempre “*maquiadas e perfumadas*”²⁴ se comportavam “honestamente” e com dignidade perante seu cliente e à própria sociedade. Percebemos que, os conceitos de honestidade e dignidade para Moacyr passava antes pela condição social a qual estas mulheres estavam inseridas.

Já do segundo grupo, apontado por Moacyr, faziam parte as prostitutas sem classe, estas não se importavam nem com a “*aparência*” ou com a “*higiene pessoal*”, descuidando-se de suas vestimentas e de suas “*maneiras de cuidar do próprio corpo*”²⁵.

²² REIS, Moacyr Honorato. *Op. Cit.*, p. 171-172.

²³ PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honesta, mulheres faladas: uma questão de classe*. Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 1994. A obra traz um estudo sobre os papéis sociais femininos na sociedade de Desterro atual Florianópolis entre os anos de 1880 a 1920. Tal estudo foi de suma importância para compreendermos além dos papéis masculinos e femininos em Pouso Alegre a postura machista e classista desta sociedade.

²⁴ REIS, Moacyr Honorato. *Op. Cit.*, p. 69.

²⁵ Idem.

Para ele as prostitutas do segundo grupo compõem uma classe leviana e volúvel que adora o movimento e a agitação. Instáveis física e emocionalmente elas eram aquelas que, gulosas e incontroláveis adoravam os excessos e possuíam modos extravagantes. Notamos que sua observação incide também sobre os lugares que estas mulheres habitam, descrita por Moacyr como casebres e inferninhos pobres, novamente *o bom malandro* evidencia sua postura classista.

Percebe-se também na fala de Moacyr uma imagem muito comum às prostitutas presente na literatura e na imprensa de final do século XIX e início do século XX, onde é possível perceber uma definição para a prostituta atribuída ao discurso médico e higienista deste período²⁶.

Amplamente disseminada, a imagem da mulher como ser naturalmente ambíguo adquiria, através dos pinceis manuseados por poetas, romancistas, médicos, higienistas, psiquiatras, e mais trade, psicanalistas, os contornos de verdade cientificamente comprovada a partir dos avanços da medicina e dos saberes afim.²⁷

Logo em seguida ao classificar todas as prostitutas como “*mundanas*” notamos que o critério que Moacyr utiliza para separar categorias distintas de prostitutas não leva em consideração a maneira como cada uma exerce esta prática, mas sim, os clientes que cada uma possui.

O que dá certo “*status*” social à prostituta é o tipo de homem com quem ela se relaciona. Mais uma vez temos aí um pensamento apoiado em ideias conservadoras e moralistas que deixa de lado as singularidades da mulher passando a percebê-la com base no *sexo forte*.

A atuação destas mulheres frente a uma clientela “elitizada” custava caro demais aos interesses de Moacyr que neste momento atuava como barbeiro em seu salão na nova estação rodoviária, espaço que simboliza a modernização da cidade. É nesse sentido que ele apoia a campanha de moralização e prega a retirada das prostitutas do centro da cidade.

Por fim, Moacyr Honorato Reis atuou ativamente contra a zona do meretrício, localizada na região central da cidade de Pouso Alegre. Seja por motivos diversos, é necessário

²⁶ A este respeito ver: FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I*. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1988.

²⁷ ENGEL, Magali. Psiquiatria e feminilidade. In: PRIORE, Mary Del. (Org.) *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000, p. 332. A este respeito lê-se também desta mesma autora: “o discurso sobre o sexo seria basicamente formulado através de duas temáticas centrais e contrapostas: a da *prostituição*, concebida como espaço da sexualidade doente, como lugar das perversões; e a do *casamento*, concebido como instituição higiênica e único espaço da sexualidade sadia reconhecido no discurso.” In: *Meretrizes e doutores: Saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 73.

atentar para o fato de que, o grande nome da prostituição em Pouso Alegre nada fez para ajudar as prostitutas na campanha de moralização que se formou contra elas. Este via o mundo pelo olhar dos homens de seu tempo pertencente a uma cultura conservadora e que como tal compactou com os preconceitos que excluía e inferiorizavam as mulheres na cidade de Pouso Alegre.

Sua vida pautou-se sempre pelo ângulo de quem valoriza o masculino e relega ao feminino o papel de submissão, de extensão de um sexo considerado forte e viril. As mulheres são vistas na obra de Moacyr como figuras submissas que vivem sempre à espera, em um mundo cerceado por padrões de conduta paternalistas, machistas e conservadores. Através de suas memórias é possível perceber um sujeito que se diz excluído à margem do social, mas que ao externar suas opiniões mostra-se compactuar com estes mesmos valores misóginos que pregam a diferença e a violência através das diferenças de gênero. Ao mesmo tempo, Moacyr se mostra cioso para dele fazer parte e por ele ser aceito e reconhecido.

Se hoje Moacyr é considerado um dos personagens principais quando a discussão é prostituição em Pouso Alegre, é porque contribuiu para a construção de uma memória que valorizou sempre o olhar masculino sobre esta sociedade e a atuação de sujeitos que pretendiam atingir seus objetivos utópicos de desenvolvimento e modernização.

É contra esta memória oficial e a favor da valorização das experiências destas mulheres que voltamos nossas atenções para a atuação destas mulheres que agiram ativamente contra a campanha de moralização. Nosso objetivo aqui é mostrar a campanha a partir do olhar de quem estava diretamente envolvido na questão, para isto é preciso voltarmos ao início da década de 1970.

O ano de 1972 representou um momento decisivo para a Campanha contra a zona do meretrício em Pouso Alegre, pois neste período ocorre o projeto de lei que dispunha sobre o fechamento das casas de prostituição em no máximo 48 horas.²⁸

²⁸ O projeto de Lei nº 1.704/72 dispunha sobre o fechamento das casas de prostituição na zona do meretrício localizada na região central da cidade. Propondo um prazo de desocupação em 48 horas, a incompatibilidade do projeto fez com que esse prazo fosse prorrogado ora para 10 dias, ora para 30 dias e enfim, para 45 dias, porém, não ocorreu o fechamento da zona. A este respeito conferir: COUTO, Varlei Rodrigo do. *De mal necessário a problema da cidade: A formação do imaginário social em torno da prostituição feminina na cidade de Pouso Alegre-MG (1969-1989)*. Pouso Alegre: 2011. 101f. Monografia (TCC em História social) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Eugenio Pacelli – UNIVÁS - Universidade do Vale do Sapucaí.

Qual a reação destas mulheres diante desta lei? Que rupturas a campanha de moralização gerou na vida e no cotidiano destas mulheres? Nesse sentido, as palavras da prostituta 'X' escritas em uma carta enviada a um amigo no ano de 1973 apontam alguns caminhos:

Não consigo mais conseguir viver com um homem que ta me atormentando e me deixando todos os dias na fossa mais profunda que uma pessoa pode ter. De noite esse ser que se acha vereador e representante desta cidade imunda, falsa e pobre vem me atormentar, me ameaçando que vai me matar. Não vou dar esse feito. Me tirou do meu canto, não me deixou mais trabalhar e Zé já fazem sete meses que minha mãe e meu pai não tem nem um grão pra comer. Não sou nada, não me deixam ter nada. Se meu corpo não me da aquilo que preciso não quero mais continuar com ele. Não preciso mais da vida, prefiro a morte e já me encontro com ela. Amigo vou sentir sempre seu perfume e você também vai sentir sempre o meu... ultimo abraço amigo beijinhos na sua boca que já tanto me beijou...²⁹

Em um primeiro momento o que chama atenção são as dificuldades enfrentadas por esta mulher, rompendo com a noção presente no senso comum de vida fácil, ou ainda vida de luxo. Torna-se cômodo pensar a prostituição como vida fácil, pois estamos acostumados a pensar através de clichês, pois, como afirma o historiador Paul Veyne:

Uma ilusão tranqüilizadora nos faz perceber as coisas por meio das idéias gerais, de maneira que desconhecemos sua diversidade e a singularidade de cada uma delas. Pensamos através de clichês, por generalidades, é por isso que os discursos permanecem inconscientes para nós, escapam ao nosso olhar.³⁰

Estas mulheres ganham seu sustento com um dinheiro advindo de relações unilaterais onde o único papel seria o de conceder prazer ao outro, e isto não possui nada de natural. Seu corpo, de acordo com esta visão, torna-se uma materialidade sem história, um corpo imaterial, onde a única função seria como instrumento de trabalho. Não problematizar essa visão seria compactuar com um imaginário misógino que discrimina para as mulheres o lugar da submissão, do esvaziamento político, percebendo seu corpo como anômalo, já que dissidente dos padrões morais construídos através de normas falocêntricas, que valorizam sempre e unicamente o masculino.

²⁹ Carta 5. Pouso Alegre, 1973. As 5 cartas existentes foram catalogadas por ordem cronológica. Optou-se por não revelar os nomes das remetentes por pedido do doador. Foram dados nomes fictícios a todas as mulheres que têm seus nomes revelados nas cartas.

³⁰ VEYNE, Paul. *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. RJ: Civilização Brasileira, 2011, p. 24.

Através desta correspondência é possível percebermos desde relações de amizade e solidariedade a relações conflituosas e tensas entre o olhar das autoridades sobre o espaço de prostituição e o olhar das prostitutas sobre a cidade de Pouso Alegre. Olhares que se chocam, visões de mundo que são dissidentes. Afinal, não vivemos num espaço vazio, onde os fatos e os acontecimentos se localizam. Pelo contrário, como nos diz Foucault:

O espaço no qual vivemos, que nos leva para fora de nós mesmos, no qual a erosão das nossas vidas, do nosso tempo e da nossa história se processa num contínuo, o espaço que nos mói, é também, em si próprio, um espaço heterogêneo. Por outras palavras, não vivemos numa espécie de vácuo, no qual se colocam indivíduos e coisas, num vácuo que pode ser preenchido por vários tons de luz. Vivemos, sim, numa série de relações que delineiam lugares decididamente irredutíveis uns aos outros e que não se podem sobre-impôr.³¹

Em 1973, na edição do dia 30 de setembro, *A Gazeta de Pouso Alegre* assim discorre sobre a zona boêmia:

A zona boêmia de Pouso Alegre (centro) localizada nas ruas David Campista, Cel. Campos do Amaral, Francisco Sales, Tiradentes e Rosário, voltou a funcionar algumas casas de prostituição e vários **inferninhos** (em negrito como no jornal), ficando situada na parte central da cidade, onde residem inúmeras famílias compostas de adultos e crianças em idade escolar. Existem dois bares recentemente reabertos nas esquinas das ruas David Campista com a Cel. Campos do Amaral, *onde várias mulheres fazem ponto neste local, infelizes da mais baixa categoria, sem nenhum pudor ou respeito a moral dão verdadeiros vexames, não só gritando palavrões como aliciando transeuntes que por ali são obrigados a passar, como ainda atentam acintosamente contra a moral, permanecendo semi – nuas e descompostas em plena rua, na frente de crianças que normalmente transitam neste local para fazerem compras e irem as escolas.*³²

Aproximadamente um ano após a publicação da lei e do fechamento de alguns estabelecimentos observamos a notícia da reabertura de alguns destes espaços, numa forma de resistência à lei e às autoridades locais. Acima estão expostos olhares distintos sobre o mesmo foco. Tanto o artigo quanto a correspondência apresentam visões sobre a cidade de Pouso Alegre, embora sob primas diferentes.

³¹ FOUCAULT, Michel. De outros espaços. In: *Ditos e Escritos*, Vol. 3. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 79.

³² *A Gazeta de Pouso Alegre*. Pouso Alegre. 30/09/1973. Os grifos são nosso e o que está destacado em negrito, permanece como esta no artigo do jornal.

Enquanto *A Gazeta* classifica o mundo da prostituição como ‘*inferninho*’, as prostitutas também imprimem uma visão sobre a cidade, classificando-a como “*falsa e podre*”, o que possibilita derrubar a afirmação de que as prostitutas eram meros fantoches, sujeitos sem nenhuma posição social, alienadas de sua condição ou ainda, que estariam flutuando neste lugar social que é a cidade de Pouso Alegre.

Vale destacar que ao classificar a zona do meretrício como *inferninho*, a atitude do jornal seria a de deixar clara a demarcação dos espaços. Espaços duais, que oscilam entre o sagrado e o profano. Através desta visão pode-se perceber a cidade dividida entre espaços sagrados, habitados por famílias consideradas ‘honestas’, homens e mulheres “íntegros”, que levavam uma vida regrada sob o prisma do comportamento moral e catolicismo. Ora, a grande maioria dos clientes da zona era formada por homens que habitavam estes espaços considerados sagrados, esta divisão dicotômica tinha exclusivamente objetivo de manter as aparências para atender os interesses das autoridades e da elite local.

Trecho de um artigo publicado em *A Gazeta de Pouso Alegre*, sob o título de “*Maria: Um exemplo para a eternidade*” traz em seu conteúdo uma espécie de alerta, ao mesmo tempo em que projeta sob a figura da prostituta o oposto desejado, segue a nota:

Mulheres de Pouso Alegre, não se percam em olhares torpes e não se deixem enganar pelo mundo obscuro que se vive pelas bandas da zona do meretrício. Sigam o exemplo de nossa mãe Maria, que enfrentou todos os obstáculos para se tornar a mãe de nosso senhor Jesus Cristo.(...) Vós sois dignas e fieis a sua família, pois ao contrario dessas mulheres que vivem se mostrando e jorrando uma sensualidade incontida e desenfreada, sois digna de respeito e dedicação às suas famílias. Mirem-se bem contra elas e vejam então tudo aquilo que não podeis ser, pois o bem prega o contrario e se faz com comportamento distintos deste antro de perdição que é a zona do metericio (...)³³

Se a campanha de moralização pode ser entendida como um movimento de intolerância para com a zona do meretrício vale dizer que em muitos momentos esta intolerância se tornou um tanto quanto ambígua. Nesse sentido, a figura da prostituta era a condição necessária para a construção da imagem da mulher-mãe. Ou seja, não somente evitada, a prostituição deveria ser observada pelas mulheres taxadas como dignas, servindo como exemplo a não ser seguido, já que deveriam mirar *contra elas* a fim de perceberem então *tudo aquilo* que não poderiam ser.

³³ *A Gazeta de Pouso Alegre*. Pouso Alegre. 23/09/1973.

A campanha de moralização desde seu início se apresentou como algo incoerente, mostrando sua fragilidade e falta de consistência. Nesse sentido, a carta escrita pela prostituta ‘O.I.’ nos revela o quão ambíguo era o imaginário social em torno da prostituição:

Ele esteve aqui e me pediu um pedido engraçado. Disse que era pra mim vestir um vestido bem apertado com o dinheiro que me deu por fora e saísse na praça depois da missa para que todas as mulheres me vissem. ‘To’ com medo de que isso seja uma artimanha para eu ser presa pela policia que fica por ali depois da reza. Não confio nele não. Ele me disse que era para que sua mulher me visse e parasse de atormentar ele para comprar um pano de seda para que ele mandasse e desse o dinheiro para fazer um vestido (...)³⁴

Podemos perceber que as demarcações sociais impostas pela sociedade a fim de separar o espaço da zona do espaço considerado digno da sociedade se diluíam, pois as prostitutas se integravam neste redemoinho social penetrando no interior da família burguesa contribuindo para as relações sociais que se formavam ali dentro.

Pode-se perceber que a prostituta O.I ultrapassa os limites fixados para com a zona do meretrício. Este contexto é extremamente problemático e é preciso um olhar aguçado para com alguns aspectos. Em primeiro lugar, ao inserir a prostituta na sua rede familiar o cliente quebra a demarcação das representações impostas sobre a zona, ou seja, a prostituta passa a se inserir na trama familiar, agindo e tendo alguma influência sobre esta. Neste ponto é preciso ressaltar que a imagem da prostituta servia como contraposto à construção da imagem da mulher considerada direita, honesta.

Vemos que toda a representação construída sobre a imagem da prostituta era necessária para que se formasse o padrão de normalidade que compunha o imaginário em torno da mulher burguesa, considerada digna de respeito e de honra.

Por que neste momento a zona do meretrício passou a representar um problema social? Novamente é preciso dobrar o olhar para a carta da prostituta ‘X’ e questionar: se Pouso Alegre culpabilizou a zona do meretrício pelo seu atraso modernizador e sua respectiva industrialização, que oportunidades foram dadas a certas mulheres que não estavam de acordo com os padrões morais estabelecidos pela sociedade?

³⁴ Carta 1. Pouso Alegre, 1971.

As memórias da prostituta ‘X’ possuem um tom de ressentimento³⁵ e são capazes de nos mostrar uma mulher que faz uso da palavra para se libertar de um imaginário que a constrange, sufoca, oprime. Um corpo em desalinho com a ordem normatizadora. “*Corpos que pesam*”³⁶, como analisa Judith Butler.

Em muitos sentidos, as prostitutas tinham o domínio da situação barrando ativamente a campanha que se formava contra elas, o que nos permite destruir as bases de um imaginário que pensa as prostitutas como vítimas, submissas e pacíficas, o que pode ser percebido em outra carta:

Que vida ingrata é a nossa né meu Zé. Não tenho palavra pra agradece pela passagem que me arrumou pra que eu pudesse vê minha mãe que não anda nada bem não Zé. Parece que a coisa ta feia pra coitada. Mais meu coração ficou muito triste quando cheguei de volta e logo fiquei sabeno que tinha ido passar uns tempos em poços de caldas. Mais me alegrei em sabe que deixou seu novo endereço com esse seu amigo. Ai Zé nem cheguei e já tive que da umas patifatas com um tal aqui que veio ontem quereno meu corpo. Engraçado né? Pra isso meu corpo serve. Mais pra ele não tem mais nada aqui não e não entendo porque a tatata daqui disse que aqui é desse jeito sabe, tem que ser o que ser e aceita essas coisa. Zé o desgraçado do “X” me bateu e coloquei ele pra corre...³⁷

Corpos de passagens³⁸, corpos que passam. No imaginário social construído sobre a prostituta é assim que figuram seus corpos. Materialidade momentânea, matéria efêmera. Nesse entrelaçado jogo político onde a sexualidade assume papel preponderante o corpo não somente é percebido como um instrumento de trabalho, mas como uma superfície que abriga sexualidades insubmissas. Sujeitos que se desviam da norma, repelem as regras morais, essas mulheres são vistas como portadoras de um corpo que é capaz de revelar sua mais íntima verdade.

³⁵ Para a noção de memória e ressentimento ver: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Marcia (org.). *Memória e Ressentimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

³⁶ Referência ao texto de Judith Butler intitulado “*Corpos que pesam*”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.) *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica. 2ª Edição, 2000. Para Butler é preciso que se vá além das definições de sexo/gênero e propõe que se passe a pensar além desses horizontes dicotômicos entre natureza/cultura, perguntando pelos limites discursivos dessas construções.

³⁷ Carta 3. Pouso Alegre, 1971.

³⁸ Referência ao livro de SANT’ANNA. Denise Bernuzzi de. *Corpos de passagens*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

Espaço de “*inscrição dos acontecimentos... lugar de dissociação do Eu*”, como quer Foucault³⁹, foi sobre o corpo da mulher prostituta que a campanha de moralização investiu buscando esquadrihar e delimitar espaços que tramitavam entre o permitido e o proibido, o sagrado e o profano, estabelecendo dicotomias e instaurando linhas de demarcação sexual baseadas em uma lógica binária que classifica a mulher em polos opostos, mas que em muitos momentos se atraem. Ora, foi a partir da gestão da imagem da mulher prostituta que a construção da mulher mãe, digna e honrada pôde ser firmada no interior da lógica do aceitável, do permitido, do exemplo a ser seguido.

Projeções finais

Na urdidura das fontes analisadas nos foi possível construir também um saber sobre as experiências sociais destas mulheres. Ao mesmo tempo, retiramo-las do ostracismo de um passado ainda recente, dando visibilidade às suas experiências enquanto parte de uma memória social sobre a prostituição feminina na cidade de Pouso Alegre, MG. Aqui o embate se dá principalmente no campo da memória, onde chocam-se uma memória oficial e positivista, composta pelas ações de grandes homens e seus feitos, contra uma memória viva pulsante, vigorosa, composta por discursos contraditórios à ordem, e que, por vezes também fragmentada e invisível aos projetos hegemônicos.

Sendo assim, buscou-se nesta pesquisa compreender as experiências destas mulheres que atuaram militantemente contra os moralismos excludentes, contra regras ditas conservadoras e normatizadoras de suas condutas e de seus corpos. Mulheres que, mais do que se colocarem contra uma época, buscaram ampliar seus limites, construindo para si um mundo próprio, uma existência que buscou a todo o momento a liberdade, a sobrevivência e a possibilidade de serem felizes.

³⁹ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1988, p. 15.

Referências Bibliográficas

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *Escrever como fogo que consome: reflexões em torno do papel da escrita nos estudos de gênero*. Acesso disponível em <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm>, 18/05/2011.
- BRESCIANI, Stella; NAXARA, Marcia (org.). *Memória e Ressentimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.
- BUTLER, Judith. *Corpos que pesam*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.) *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica. 2ª Edição, 2000.
- _____. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2008.
- CAULFIELD, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2000.
- COUTO, Varlei Rodrigo do. *De mal necessário a problema da cidade: A formação do imaginário social em torno da prostituição feminina na cidade de Pouso Alegre-MG (1969-1989)*. Pouso Alegre: 2011. 101f. Monografia (TCC em História social) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Eugenio Pacelli – UNIVÁS - Universidade do Vale do Sapucaí.
- DELEUZE, Gilles. *Mil Platôs*. São Paulo: Editora 34. 1990.
- ENGEL, Magali. *Meretrizes e Doutores*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- _____. *Psiquiatria e feminilidade*. In: PRIORE, Mary Del. (Org.) *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Ed.Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. *De outros espaços*. In: *Ditos e Escritos*, Vol. 3. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do cárcere*. Vol. 3 – Materialismo histórico na obra de Benedetto Croce. São Paulo: Civilização Brasileira, 2000.
- PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honesta, mulheres faladas: uma questão de classe*. Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 1994.
- RAGO, Margareth. *Feminizar é preciso: por uma cultura filógina*. In: *São Paulo em perspectiva*. Nº 15, 2001, p. 58-66.
- RAGO, Margareth. *Os Prazeres da Noite*. São Paulo: Paz e Terra, 2ª Ed. 2008.
- REIS, Moacyr Honorato. *Memórias de um bom malandro*. Pouso Alegre, 1993.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Corpos de passagens*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. 20 (2), jul-dez/1995, p. 71-99.

SCOTT, J. Prefácio a Gender and Politics of History. In: *Cadernos Pagu*. Campinas: n. 3, 1994, p. 11-27.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Realidade*. 20 (2), jul-dez/1995, p. 71-99.

VEYNE, Paul. *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. RJ: Civilização Brasileira, 2011.